



Historioprodução imagética do tempo presente: ensaio sobre as formas materiais dos sentidos¹

Rejane Arce Vargas²

Introdução

Esta reflexão está alicerçada em nosso trabalho de tese que tem como objeto de estudo o nome comunidade³, em face do cenário de mundialização, de fluidez de sentidos, em que essa nomeação parece recobrir/sobredeterminar toda e qualquer coisa. O modo como comunidade vem sendo discursivizada repousa em uma visão consensual de mundo, que apaga sujeitos, sentidos e filiações, sobrepujando a diferença constitutiva do real. Conjetura esta que compreendemos como fortemente vinculada à questão da filiação de sentidos.

Diante disso, nossa proposta é esboçar alguns dos pressupostos que têm fundamentado nosso estudo sobre a discursivização do nome comunidade em seus limites, como motor de dissenso, uma vez considerado o político em funcionamento nas materialidades de sentido.

¹ Reflexão pautada em nosso estudo de tese intitulado **Língua em tempos de fluidez** (GAP/UFSM nº 023164), pesquisa realizada sob orientação da prof.^a Dr. Amanda E. Scherer (UFSM-PPGL-Laboratório Corpus) e financiada pela CAPES.

² Doutoranda em Letras/Estudos Linguísticos – UFSM/PPGL; Assistente de Pesquisa do [Laboratório Corpus](mailto:rejanearce@hotmail.com) – E-mail: rejanearce@hotmail.com.

³ Partimos de nosso trabalho de dissertação (Vargas, 2008), cujo corpus nos possibilitou entrever um modo de funcionamento singular do nome comunidade, o que instigou nossa pesquisa de tese.

Pautamo-nos no princípio de que a palavra estabelece 'lugares simbólicos', (re)parte o real (Scherer, 2008), o que se processa irremediavelmente via linguagem. Para Scherer (Ibid.), pensar o lugar é trazer à cena a estrutura simbólica, é problematizar domínios e fronteiras, pois, ao mesmo tempo em que um lugar estrutura, ele 'des'estrutura, reparte, impõe limites. Por conseguinte, não situamos comunidade no âmbito da fluidez, de nome que está 'na moda', antes, pelo contrário, visamos a uma reflexão crítica que mobiliza teórica e analiticamente a Análise de Discurso (AD). Ao que nos reportamos quando dissemos comunidade remete à problemática dos discursos em circulação, oriundos de práticas simbólicas de sentidos que redundam em efeitos materiais, emoldurando lugares, tecendo ou desfazendo laços sociais. Outrossim, referimo-nos a comunidades enquanto lugares simbólicos discursivizados também na rede mundial de computadores, mas não criados/inventadas nela, embora reconheçamos que todo fato/discurso é uma construção/invenção de linguagem que, todavia, como produto histórico, reclama sentidos. Consideramos, portanto, a ordem do 'político' que dita as significações e encontra ecos na língua, nos discursos (cf. Gadet & Pêcheux, 2004; Rancière, 1998, 1996).

Ao problematizarmos esse cenário, fomos instados a analisar diferentes materialidades significantes, especialmente imagens, vídeos, fragmentos de textos etc., nas quais comunidade figura amplamente, colocando em jogo o político da divisão dos sentidos. Tal circunstância nos leva aqui a um breve ensaio que repousa sobre a noção de 'forma material', tal como esta pode ser compreendida em uma concepção materialista histórica, bem como desenvolvida em AD por Orlandi. Esse conceito, aliado a outros que lhe estão imbricados (ideologia, interdiscurso e memória), oferece-nos subsídios para empreendermos estudos sobre os mais complexos objetos de sentido, quando não nos focamos nos ditames da ilusão referencial de que palavras se 'colam' a coisas ou mesmo assumem a própria ontologia destas, mas quando encaramos, ao mesmo tempo, o alcance e os limites de uma teoria que prevê a análise dos sentidos em sua complexidade, relativamente a novos objetos que proliferam e se multiplicam de maneiras imprevistas.

É esse o desafio que se coloca, escrever uma história do funcionamento dos sentidos hoje, com um olhar retrospectivo como forma de compreensão do presente, de modo a tecer análises que tomam como objeto 'os sentidos no mundo da vida', alicerçando-se em bases que já de outrora foram solidificadas com rigor teórico-epistemológico, as quais impõem pensarmos, via uma teoria materialista, que os sentidos evocam sempre uma determinação histórica, que todavia não é um caminho já traçado, porque não é 'determinista', é sujeito a falhas, ao impossível de se apreender a completude, o que demanda o trabalho contínuo a fim de não nos tornarmos dos sentidos já postos herdeiros servis.

Além disso, partimos da ideia de que trabalhar com imagens não é novidade em AD. Primeiro, porque, há pelo menos 20 anos, Pêcheux (1999) já tecera os princípios para análises dessa natureza, fundamentados no conceito de memória e trajeto de leitura; segundo, porque o desenvolvimento dessas bases encontrou terreno fértil em estudos sobre as mais diversas formas de significação dos espaços urbanos e dos sujeitos na contemporaneidade (rap, piercing, tatuagem, muros, pichações, manifestações sociais, mapas, conversa de rua etc.), em obras como **Cidade atravessada** (2001); **Cidade dos sentidos** (2004a); **Para uma enciclopédia da cidade** (2003), o que reverberou inclusive em Projeto de Pesquisa em nosso grupo de trabalho⁴. Talvez a 'novidade', se ela existe, resida na forma como se dá (ou não se dá) o acesso aos modos de produção de objetos simbólicos, pois sabemos que estes se apresentam irremediavelmente atravessados pelos processos informático-midiáticos de inter(in)venção de sentidos. Sobretudo, vale sempre o postulado de que a Ideologia, enquanto princípio organizador naturalizado, não tem história, ela não muda, os sujeitos é que mudam, as ideologias é que se alteram para que, todavia a Ideologia perdure inquebrantável(?).

A fim de complexificarmos esses preceitos, exploraremos uma noção basilar em nosso trabalho, a de forma material.

⁴ Projeto 'Constituir, formular e fazer circular sentidos: dispersão e memória no discurso sobre/na cidade', de autoria e coordenação da prof.^a Dr. Amanda Eloina Scherer, o qual teve alguns dos resultados publicados em [Fragmentum](#) n. 16, UFSM/PPGL/Laboratório Corpus, 2008.

Sobre o conceito de forma material

Orlandi (2005) propõe um deslizamento da noção de ‘forma material’ da linguística, em que materialidade identifica-se com a forma linguística, com a norma etc., para tratá-la no âmbito do discurso, ou seja, vinculada ao real concreto na filiação materialista.

Em face disso, a AD enquanto disciplina que tem como objeto o discurso

coloca como base a noção de *materialidade*, seja lingüística, seja histórica, fazendo aparecer uma outra noção de ideologia, possível de explicitação a partir da **noção mesma de discurso e que não separa linguagem e sociedade na história** (ORLANDI, 2004, p. 25)⁵.

Na ordem do discurso, a noção teórica de ‘materialidade’ é bastante específica e definida como ‘forma material’, isto é, relação da ordem simbólica com o mundo (Orlandi, 1996), mesmo porque, para a pesquisadora, “o discurso é uma prática. No sentido de que é uma mediação necessária, um trabalho (no caso, simbólico) entre o homem e sua realidade natural e social. Prática⁶ significando, pois, ação transformadora” (Orlandi, 1995, p. 39), portanto, prática de significação do mundo.

Tal entendimento nos possibilita sair do jugo da textualidade, chegando a uma compreensão dos processos de produção de sentidos, sem ceder à dominância ou ao desejo de tradução do não-verbal pelo verbal, tal como adverte Orlandi (1995), quando destaca a importância de nos desvincularmos de uma relação imaginária com o verbal, visando a desrefratar o jogo de reflexos, as simulações, mesmo porque a própria materialidade linguística, tomada em sua opacidade, constitui sentidos sempre em ‘relação a’.

A autora destaca também (Ibid.) a importância de não tomarmos posições que promovam uma assepsia do não-verbal, resgatando sua ‘transparência’ via verbalização. Isso porque tanto as imagens, quanto as materialidades da língua sempre instam à interpretação, a uma leitura, portanto, a uma

⁵ Itálico na obra, realce nosso.

⁶ Ao aludir ao discurso como ‘prática’, Orlandi, todavia, distancia-se de uma visão pragmaticista de linguagem, pois o que está em jogo não é uma linguagem que, colocada em uso, realiza atos, mas a prática de significação do mundo/da vida em sua complexidade, enquanto intervenção no real (cf. Orlandi, 2005).

simbolização/metaforização das relações de sentidos colocadas em jogo em diferentes modalidades.

O que queremos sublinhar reside no fato de que a noção de materialidade “nos leva às fronteiras da língua e nos faz chegar à consideração da ordem simbólica, incluindo nela a história e ideologia” (Id., 2004, p. 46). Além disso, “**a constituição do sentido se dá fora de nosso alcance direto, na relação com o interdiscurso**. Este representa como uma história que não se situa. Ele não está alocado em lugar nenhum. É uma trama de sentidos” (Ibid., p. 76, **negrito nosso**). Por conseguinte, é pela opacidade, pelo corpo da linguagem - sua materialidade, discursividade – é pela ideologia que o sentido passa (ele não está *na* formulação).

O conceito que proporciona o trabalho com a exterioridade discursiva (ou exterioridade constitutiva) é o de interdiscurso (cf. Orlandi, 2004), este que é de natureza material contraditória, uma vez que sempre ‘fala, antes e independentemente’, e também tem caráter ‘irrepresentável’ (Id., 2006).

Ademais, Pêcheux já advertira:

Os processos discursivos não constituem, pois, em absoluto, um “cantão” isolado em sua autarcia e submetido a uma necessidade específica. ... o que chamamos autonomia relativa da *base lingüística* não poderia, sob o pretexto de que está na base, imprimir *sua forma* aos processos discursivos que se desenvolvem sobre sua base; os termos: **interdiscurso**, intradiscurso, efeito de pré-construído e efeito-transverso - ... e que justamente caracterizam... a forma da discursividade – **não correspondem, portanto, a fenômenos lingüísticos: representam, em relação à base lingüística, a existência determinante do todo complexo das formações ideológicas**, submetido, em condições históricas sempre específicas, à lei “geral” de desigualdade que afeta essas formações (PÊCHEUX, 1997, p. 259)⁷.

Pelo que precede, especialmente pela noção de interdiscurso, conforme realçamos, podemos compreender que o discursivo não é sobredeterminado pelo lingüístico, pois o que está em jogo é uma determinação de caráter ideológico para os sentidos, relações de desigualdade que afetam toda significação.

Compreendemos ainda discurso como trabalho e linguagem como prática (cf. Orlandi, 2007), isto é, materialidades que advêm da produção da vida material dos

⁷ Itálicos na obra, realces nossos.

sujeitos em sociedade, da ação simbólica que intervém no real, levando em conta uma ordem sempre em processo, nunca dada, acabada sobre a qual se possa ‘aplicar’ uma ortopedia analítico-interpretativa. Se a vida é um processo histórico, a tarefa do analista não poderia estar senão situada nessa incompletude determinada historicamente pelos processos sociais, pois não há outra forma de constituir o real senão pela linguagem.

Cabe salientar que, de acordo com Orlandi (2007), em AD, não trabalhamos com a língua em si, mas com a língua funcionando em relação à historicidade, na sociedade. Trabalha-se antes com a noção de materialidade do discurso, atrelada à produção de sentidos na sociedade, isto é, materialidade linguístico-histórica (leia-se linguístico não restrito ao verbal, mas vinculado à leitura/significação do mundo).

Ademais, “o desenvolvimento das tecnologias de linguagem podem alterar aspectos da forma histórica do sujeito deslocando o modo como se dá a autoria” (Id., 2005, p. 203) e, diríamos ainda, que redefinem decisivamente os processos de leitura/interpretação.

Por Dias (2009), sabemos que a língua/escrita na materialidade digital guarda especificidades, dentre elas, a de uma corpografia, em que a língua assume um simulacro de corpo, enquanto representação de um impossível (o de inscrição material do corpo/emoção na língua, o que concerne mesmo ao impossível da língua, desvão onde irrompe o real de língua e de sujeito – possibilidade de criação/subjetivação, para a autora). Na esteira dessa compreensão, acreditamos que a leitura/interpretação nesse espaço volátil possa ser pensada de outras formas, uma vez que o arranjo de sentidos se dá na dispersão e não se apresenta como uma unidade imaginária, como um texto, por exemplo. Os discursos na materialidade digital reclamam olhares que considerem condições de produção específicas, as quais poderíamos chamar de ‘tecnológicas’ e que, entre outras coisas, passam por uma ‘montagem/desmontagem’ de trajetos de leitura.

Nesse aspecto, podemos pensar relativamente aos mecanismos de pesquisa (Google, por exemplo) e linkagem de textos que se atravessam, sem, contudo, circunscrever um trajeto linear:

a) pelas buscas, as possibilidades que leitura/interpretação se apresentam em um eixo paradigmático - são várias possíveis, perante as quais os sujeitos fazem ‘escolhas’ a partir de excertos dispostos ‘aleatoriamente’, via palavras-chave; uma

vez imerso em uma dessas possibilidades, tem-se ainda, na maior parte das vezes, de uma série de

b) links, que vão entretecendo uma leitura ao modo rizomático, de redes que podem vir a ter um percurso na ordem do irrepitível, diante ligações que levam a lugares de memória (metálica em conjunção àquela dos sujeitos e a social) tanto previstos quanto impensados, improváveis ou mesmo absurdos, sem vínculos semânticos aparentes.

Acreditamos que seja exatamente por entre esses espaços descontínuos o lugar da memória discursiva (Courtine, 2005), pois não há texto ou discurso que sejam interpretáveis sem referência a uma memória, na medida em que se inscrevem em uma rede complexa de imagens internas e externas ao sujeito, formando uma 'intericonicidade', característica do funcionamento dos discursos, enquanto estabelecimento de relações entre memória social e memória subjetiva, interpretável mediante o jogo de filiações. Tal jogo de filiações hoje comporta uma fabricação metálica. Recursos tecnológicos, photoshop, coisas 'fora do lugar', pincelas de coisas que 'não estavam ali' ou dali foram sub-repticiamente tiradas. Vivemos no cenário do chapéu de Clémentis (Courtine, 1999) em grau máximo ou mesmo em grau zero de historicidade, ou ainda de uma **historioprodução**, uma memória metálica (cf. Orlandi) que agencia sentidos, sujeitos, política - a vida.

Historioprodução é compreendida como o processo de tecnologização da memória e dos modos pelos quais os objetos da 'realidade' são dados a conhecer, são colocados em circulação. Esses procedimentos intervêm decisivamente na inscrição (ou não) dos sentidos, em sua historicização metálica. Temos procurado ilustrar tal processo via uma rede de imagens que compusemos no intuito de promover a reflexão acerca do agenciamento de uma memória social massificada, que se dá mediante apagamentos, deslocamentos, delimitações, isto é, por meio de imagens que são 'artefatos' de memória.

Não obstante, a filiação de sentidos continua latente nesse espaço descontínuo, mesmo porque não trabalhamos com a origem, mas com a filiação, não se considera a evolução [da história, dos processos significantes], mas a produção (cf. Orlandi, 1996), nesse caso, uma 'historioprodução', tal como se pode observar no exemplo a seguir:

Foto-montagens - Historioprodução: um exemplo⁸



Fonte I - 1 e I - 2:

<http://noticias.terra.com.br/eleicoes2006/interna/0,,OI1131051-EI6652,00.html>

Fonte I - 3:

http://www.galizacig.com/actualidade/200702/vermelho_entrevista_con_jose_reinaldo_carvalho.htm

Fonte I - 4:

http://blogdareeleicao.blogspot.com/2006/05/crise_05.html

Em I-1, teríamos então a 'foto original', em que todos os elementos e personagens figuram. Trata-se de imagem de 2006, relativa à campanha presidencial⁹. Na transição de I-1 para I-2, ocorrem, pelo menos, seis modificações/apagamentos, indicadas nessa ordem, na imagem:

- 1 – o suor aparente na camisa do então candidato é amenizado;
- 2 – uma estrutura branca é retirada;
- 3 – a figura de um general, chefe da segurança do candidato, é apagada;
- 4 – novos personagens são inseridos no vazio resultante do último apagamento;
- 5 – o azul do céu é intensificado e nuvens cinzentas desaparecem;

⁸ I = Imagem.

⁹ Ver em: <<http://noticias.terra.com.br/eleicoes2006/interna/0,,OI1131051-EI6652,00.html>>.

6 – uma mão estendida é eliminada.

A I-3¹⁰ é resultado da transição de I-1 para I-2 e ganha status de imagem símbolo para figurar, nesse caso, em grande placa afixada em residência de apoiador da campanha. O ‘povo’ é então caracterizado pelo conjunto que compõe a imagem: moradia de tijolos sem reboco, varal na frente da casa, ou seja, via estereotipia em larga circulação.

Na foto-montagem I-4, o cenário de I-1 é quase que em sua totalidade substituído por um fundo verde, porém, permanece um vestígio: a mão estendida.

Essa sequência descritiva tem mero caráter esquemático e organizativo do exemplo (e não explicativo ou de ‘tradução’ da imagem, possibilidade inviável e equivocada, a nosso ver). Ela tem a finalidade, sobretudo, de destacar os pontos que nos levam a compreender que, em face da fluidez, a materialidade histórica constitutiva dos sentidos insurge-se como emergência. Mais ainda, orienta-se pelo princípio de que, as imagens comportam um trajeto (ideológico) de leitura, de regularidades que constituem séries que, contudo, podem ser esburacadas (Pêcheux, 1999), formando novas séries que não estavam constituídas em uma primeira, porém, no caso exemplificado, a série situa-se no eixo da ‘produtividade’, não configura acontecimento discursivo porque não há deslocamento ou transformação, apenas ‘modificação’, de maneira que constitui ‘outras formas de ver’ o mesmo.

Considerações finais

É necessário estabelecermos diferentes olhares sobre as materialidades significantes, levando em conta a dispersão que intervém sobremaneira no modo como temos acesso aos objetos de discurso. Ademais, dispomos desde outrora de

¹⁰ Cabe mencionar que a escolha dessa ‘imagem-memória’, formando essa breve rede que pudemos circunscrever, tem caráter peculiar. Há 03 anos, no trajeto de ônibus pela rodovia que leva até a universidade, em Santa Maria (RS), placa como a em I-3 emerge como monumento à beira da estrada, em frente a uma casa simples, cobrindo quase toda sua extensão. Foi a inusitez do ‘acontecimento’ que nos chamara a atenção. Hoje, nossa compreensão acerca de fatos de mídia chega a um outro olhar que, no mínimo, leva em conta a intervenção informática nos processos de produção de sentidos, que inclui procedimentos hiperbólicos que redimensionam o modo como os fatos nos são dados a conhecer e que são, muitas vezes, perversos, colocando-nos em um mal-estar inquietante no tocante à tarefa de interpretar. Agradecemos a André Vargas pelo empenho na operação de memória (discursiva em funcionamento na metálica) que mediou o processo de busca pelas imagens que figuram neste ensaio. Cremos que aqui esteja, de certo modo, configurado o que Courtine (2005, 2008) chama de ‘intericonicidade’, processo com história, com ideologia, com sujeitos.

um aparato teórico-analítico que encontra na filiação de sentidos (memória, interdiscurso, ideologia) a possibilidade de perscrutarmos as maneiras pelas quais estes vão se inscrevendo materialmente na história, a fim de não cairmos na anacronia das máquinas de ler, sob pena de cedermos a uma ortopedia dos discursos.

Por fim, vale aqui um trocadilho a propósito de provérbio mencionado por Pêcheux, no texto *Papel da memória* (1999): “Quando lhe mostramos a lua, o imbecil olha o dedo”, e por que não? Em AD, não olhamos para a imagem em si, em seu jogo de cores e beleza (embora também se possa inclusive olhar para esses constituintes), mas decisivamente para o processo ideológico material que a constitui e lhe imprime direção de sentidos, que tem uma materialidade discursiva, social, ideológica que é ditada pelas determinações sociais, as quais tecem laços e os desfazem, mesmo porque “a memória funciona com versões enunciativas, imagens do dizer... A memória inscreve o discurso em filiações” (Orlandi, 2004, p. 132).

Temos, portanto, buscado constituir um objeto de estudo e de análise, bem como uma metodologia de trabalho, tendo em conta os procedimentos que arregimentam discursos-imagens e forjam maneiras pelas quais os sentidos, em sua complexidade, e em especial aqueles que tocam a relação de/sobre comunidade, circulam hoje, isto é, dividindo o real, ditando modos de vida, demarcando lugares, estabelecendo ou rompendo laços sociais.

Referências

COURTINE, Jean-Jacques. **Intericonicidade**. Entre(vista) com Jean-Jacques Courtine. Entrevistador: Nilton Nilanez. Grudiocorpo. Out., 2005. Disponibilidade em: <http://grudiocorpo.blogspot.com/2009/06/intericonicidade-entrevista-com-jean.html>. Acesso em 05 set. 2009.

_____. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Tradução de Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise de Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

DIAS, Cristiane. **Da corpografia**. Ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. Coleção Cogitare nº 07. Santa Maria, RS: PPGL/UFSM, 2009.

ORLANDI, Eni P. **A noção de materialidade**. Reunião de trabalho, Grupo DICIT, 05 dez. 2007. Labeurb/Nudecri/Unicamp, 2007. [Vídeo]. Disponibilidade <http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/videos/verVideo.lab?id=28>. Acesso em jan. 2009.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Susy (Orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

_____. A noção de “povo” que se constitui em diferentes discursividades. In: SILVA, Soeli Maria Schreiber da. **Sentidos do povo**. São Carlos: Claraluz, 2006b. p.7-30.

_____. **Discurso e texto**. Formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004a.

_____. (Org.). **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, 2003.

_____. (Org.) **Cidade atravessada**: Os sentidos públicos do espaço urbano. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. Exterioridade e ideologia. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas (30), jan./jun. 1996, p. 27-33.

_____. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **Rua**. N. 01. Campinas, SP: Labeurb/Unicamp, 1995. p. 35-47.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. **A língua inatingível**. O discurso na história da lingüística. Trad. de Bethania Mariani e Maria Elizabeth C. de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni P. Orlandi (et al.). 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre (et al.). **Papel da memória**. Trad. de José H. Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. de José Horta Nunes. In: **Cadernos de estudos lingüísticos** (19). Campinas: Unicamp, 1990. p. 7-24.

RANCIÈRE, Jacques. **Aux bords du politique**. Paris : Gallimard, 1998.

_____. **O desentendimento**. Política e filosofia. Trad. de Ângela Leite Lopes. São Paulo, SP: Ed. 34, 1996.

SCHERER, Amanda E. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. IN: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (Orgs.). **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 131-141.

VARGAS, Rejane Maria Arce. **Ponte para o devir**: um trajeto por entre saberes discursivos. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

* Montagem elaborada pela autora a partir das imagens analisadas. Fontes indicadas no corpo do texto.